

MATHEUS JOFFRE

§

**Vida boêmia:
uma incursão pelos bares
do centro de Florianópolis**

Texto
Matheus Joffre



Capa e projeto gráfico
Thiago Bora



Revisão
Pedro Santos



Este livro é resultado do trabalho realizado por Matheus Francislau de Souza Joffre para conclusão do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina, orientado pelo professor Mauro César Silveira.

2009



Nunca confie em um homem que não bebe.
(Provérbio Chinês)

Eu aproveitei mais o álcool, do que ele se aproveitou
de mim.
(Winston Churchill)

Álcool, a causa e solução de todos os problemas.
(Homer Simpson)

Se dirigir não beba. Se for beber, me chame.



Não é permitido entrar bêbado, sair sim.

Sumário

§

Capítulo I, 7

§

Capítulo II, 23

§

Capítulo III, 31

§

Agradecimentos, 45

Capítulo I



- **Tem bebida pra ômi aqui?**

- Cadê o ômi? - retrucou, no mesmo tom de brincadeira, o rapaz atrás do balcão.

Eu estava sentado ali, bebendo meu segundo caneco de chope e terminando de comer um quibe – especialidade da casa – quando presenciei aquele diálogo numa noite de terça-feira. Por detrás de um imponente bigode branco, o senhor de boina preta e pele enrugada trazia no rosto um sorriso jovial de quem chegava para mais uma noite de farra. Acompanhado de um amigo mais moço, na casa dos 40, juntou-se a mim no balcão.

- O que é bebida pra homem? - perguntei.

- Uísque. Caubói, sem gelo - respondeu-me com a voz grave e ligeiramente ressonante.

Pedi duas doses na minha conta e nos pusemos a beber e conversar. Viúvo e dentista aposentado, Doutor Milton Cunha - ou simplesmente Seu Milton - tem 82 anos e há 36 é cliente do Kibelândia. Construído sob os pilares de um casarão açoriano na rua Victor Meirelles, no centro de Florianópolis, o bar inaugurado em 1966 já foi reduto de jornalistas na época da ditadura militar e, hoje, além dos remanescentes da classe, abriga todo e qualquer bon vivant.

Doutor Milton folheou sem interesse o jornal que estava no canto do balcão, só parando alguns segundos para ver os números da loteria. Depois, sacou do bolso do paletó cinza três folhetos de propaganda de casas noturnas e riu num estrondo, feito risada de Papai Noel.

- Uma vez contei 15 dessas propagandas de zona numa andada pela Felipe Schmidt – referindo-se a uma rua famosa pela concentração de prostitutas e inferninhos.

Com disposição de sobra, costuma frequentar as casas noturnas das redondezas. Às vezes, para desgosto da vizinhança pudica, leva algumas das garotas para o apartamento alugado onde mora há dois anos, desde que a esposa faleceu, na esquina da Araújo Figueiredo com a Saldanha Marinho. Uma vez, encontrou um bilhete embaixo de sua porta pedindo para manear com o salto alto. Ao perceber se tratar de letra feminina, tratou logo de sacanear e respondeu: “Minha senhora, há muito tempo já deixei de lado o salto alto. Assinado, Dr. Cunha”. E comprou um par de chinelos havaianas tamanho 37/38.

- Antes de entrarem, faço elas colocarem o chineliinho.

Depois de falar sobre algumas de suas aventuras e desventuras com as meninas – uma delas pegou “emprestada” a televisão que antes pertencia a sua mulher e nunca mais devolveu – abriu a carteira e tirou uma foto em preto e branco da esposa. Sua face assumiu uma nova feição. Os olhos castanho esverdeados que revelam o grande conquistador do passado voltam a brilhar. A entonação da voz também muda.

- Às vezes, quando tô com saudades, coloco esse relógio de pulso aqui que era dela.

Em 1948, quando passava em frente a uma seguradora, avistou uma mulher de traços finos e sorriso largo

irradiando mocidade. E emendou conversa:

- Que horas são, por favor?
- Você não tem relógio?
- Não, não tenho.
- É uma da tarde.
- E que horas tu entra pro serviço?
- À uma e meia.
- Então ainda temos meia hora pra conversar...

E naquela mesma noite com a mesma “cara de pau” que pediu as horas foi até a casa da moça. Dali a três, anos estavam entrando na igreja para selar uma união que perdurou por 56 anos. Tiveram três filhos. E viveram a dor de perder dois deles. Depois de 11 anos lutando contra a diabetes, a menina dos olhos do pai, faleceu aos 26 anos. Com uma diferença de um ano de idade com a irmã, no ano seguinte, o mais velho caiu do sétimo andar do prédio onde moravam, na João Pinto, no centro da cidade. Sofria de sonambulismo. O caçula, único que restou, “não vale o feijão que come”.

- Ele é a cobra que fica dentro da lâmpada e minha nora é que toca a flauta.

O casal mora em Barreiros, no município vizinho de São José, numa casa de três andares construída com seu dinheiro. Só o elevador em formato de gaiola custou oito mil reais. Foi ali que Doutor Milton acompanhou os últimos seis meses de vida da esposa. Saíram do apartamento na João Pinto para a casa do filho em 2007. Durante todo esse tempo, permaneceu ao lado da mulher que padecia do mesmo mal da filha, a diabetes. Em 21 de maio daquele ano ficou viúvo. Então, alugou o apartamento onde até hoje vive apenas na companhia de seus canários.

Apresentei-me como aspirante a jornalista e falei um pouco de minhas ilusões e, já porque não, desilusões com

a profissão – uma vez que o Supremo Tribunal Federal derrubou o decreto-lei que garantia a obrigatoriedade do diploma para o exercício da atividade jornalística. Sugeriu que sentássemos numa mesa para levarmos uma conversa mais reservada. Para minha sorte, Doutor Milton preferiu continuar no balcão. Percebi que era ali, naquele balcão em forma de “L”, de quase cinco metros de comprimento, que as coisas aconteciam.

Um cilindro de chope Brahma com 60 centímetros de diâmetro reina absoluto sobre o granito. Pura propaganda. O barril mesmo, de 50 litros, fica do lado de dentro, oculto pelo balcão. Uma prateleira suspende-se acima, repleta por caixas vazias de várias marcas de uísque e duas de cachaça Nêga Fulô – além de uma cachacinha em formato de bola com o símbolo do Santos e um barquinho de madeira nas mesmas cores do clube, time de coração do gerente. Mais acima, uma placa trabalhada em madeira de ‘não aceitamos cartão de crédito’. Do lado esquerdo, os canecos e tulipas se enfileiram de boca para baixo sobre uma toalha florida. No canto direito, de frente para um espelho, cinco garrafas de 1,5 litro de pimenta em conserva e quatro potes de Nescafé com pimenta caseira, feita pelo gerente da casa. À frente do cilindro, as bolachas de descanso dos copos, que eram trocadas a cada chope pedido para não se perder na hora de acertar a conta. Também sobre o lado direito, o mostruário de salgados com divisória para quatro tipos de quitutes. O espaço do quibe nunca está vazio. É nesse pequeno vão, entre o colossal cilindro de chope e o singelo mostruário de salgados, que se fazem os pedidos. E é também dali que saem os pedidos. Ali, acontecem as conversas mais disparatadas e descontraídas entre velhos conhecidos ou pessoas que acabaram de se conhecer. Como esta última proposição cabia perfeitamente ao nosso caso, permanecemos sentados nos dois bancos de madeira dispostos à frente do

balcão e continuamos a conversa.

- Aqui no balcão que é bom de ficar. Lá em cima é só elite – ironizou. Mais tarde, eu viria a saber o real motivo pelo qual ele não queria subir.

O acesso para o segundo andar se dava por uma porta lateral, do lado de fora do estabelecimento. Lá de cima, podia-se ver pelas janelas a fachada do Museu, um dos mais importantes da cidade, do outro lado da rua. O prédio carrega o nome do florianopolitano que ficou famoso pela pintura da primeira missa no Brasil, atualmente, no acervo do Museu Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro.

O térreo conta com dez mesas de madeira no ambiente principal e mais três num espaço reservado – refletido no espelho do balcão – nos fundos, à direita. Na parede do lado esquerdo, tijolos saltam às vistas na altura do peito até atingirem o teto e ostentam um quadro de madeira talhado nos moldes da fachada do casarão. Com aproximadamente 0,5m de largura por 1,5m de altura, a gravura resplandecente pelo verniz traz esculpido no centro ‘Kibelândia, Brahma Chopp’ e concorre com o cilindro de chope em marketing. É curioso que os créditos da obra datem de 1941, antes mesmo da abertura do bar. Segundo o gerente, provavelmente ano de nascimento do artista, já que o quadro é de 1994. Dez pequenos retratos emoldurados – dispostos cinco a cinco entre o monumento – exaltam a cultura açoriana com imagens tradicionais da Ilha. Três outros quadros de propaganda das três cervejas servidas no estabelecimento completam a coleção. Uma pequena lousa na entrada traz escrito em giz os nomes e os valores. Cinco reais quaisquer delas.

Mas o carro-chefe do bar – fora a culinária árabe – é mesmo o chope. E quando um sujeito sozinho senta num balcão, como fiz naquela noite, não é raro que ele peça um chope ao invés de uma cerveja. É que o chope

é uma porção individual, feito para ser consumido por uma pessoa. O caneco de 300ml é feito para durar exatamente pelo tempo necessário para se beber o líquido sem que ele esquente. Ao contrário da cerveja, que remete ao consumo coletivo e que dificilmente se manteria gelada até o final com apenas uma pessoa bebendo. A essa altura, já havia substituído o chope pela cerveja e dividia uma garrafa com Doutor Milton.

Para acompanhar a bebedeira, comíamos um salgadinho – desses que parecem que foram feitos para servirem como aperitivo de cerveja – que ele tinha trazido. A cada mãozada no pacote, Doutor Milton usava um guardanapo. Às vezes mais de um. Para limpar as mãos, a boca ou pelo simples prazer de usá-lo. Usava não só em nome da etiqueta, mas pela satisfação pessoal. Embaixo de sua bebida tem sempre um dobrado ao meio, que ele faz questão de trocar a cada copo. Quando o garçom veio com outras duas doses de uísque, cometeu um “pecado capital” em não se lembrar dessa sua peculiaridade.

- Ô Matheus, você me desculpe, mas os garçons daqui não sabem servir direito, viu - disparou na frente do garoto de camisa vermelha bem abotoada e avental preto por cima das calças também escuras. E colocou um guardanapo embaixo de cada copo.

Pedi licença para ir ao banheiro. Nos fundos, atrás do ambiente reservado, uma porta à esquerda indicava o sanitário masculino e outra, à direita, o feminino. A pia de uso comum ficava do lado de fora, entre as duas portas. No masculino, num espaço de menos de dois metros quadrados, a privada dividia espaço com o mictório. Tirei a água do joelho e voltei para o balcão.

O bar estava quase vazio. Só restava eu, meu interlocutor, seu amigo e mais um outro cliente. Quando me aproximei, Doutor Milton discutia num tom de voz mais elevado com o garçom que nos servira o uísque.

Num acesso de indignação, amassou entre os dedos o guardanapo que tinha nas mãos e arremessou contra o garoto. Revoltado, o garçom não quis levar desaforo para casa e foi tirar satisfação. No instinto de defender meu companheiro, entrei no meio e comecei a gritar com o garoto, que devia ter uns 20 anos.

- Tá maluco, tá doido, é? O que você pensa que vai fazer?

Passado a euforia dos primeiros cinco minutos, me acalmei e decidi que o melhor a fazer era não acirrar ainda mais os ânimos. Apesar de ter quase a mesma idade que o garoto, num tom paternalista, falei em respeito pelos mais velhos, gentileza com os clientes – mesmo que às vezes isso signifique engolir alguns sapos – e até menti que minha família já teve um bar onde vivi uma situação parecida e que entendia seu lado. Surtiu efeito. Com a cabeça mais fria, ele acabou indo para a cozinha atrás do balcão.

Como o ambiente ainda continuava um pouco carregado depois da confusão, acompanhei Doutor Milton lá fora para fumar um cigarro. Ele me confessou que fumava só de vez em quando, mas que andava sempre com um isqueiro para o caso de alguma garota pedir fogo. Chovia uma garoa fina e ficamos embaixo do toldo enquanto ele pitava.

Entre um trago e outro, Doutor Milton revelou que aquela não era a primeira vez que teve problemas no bar e jurou nunca mais colocar os pés lá. O que realmente lhe perturbava era a postura do gerente Hernani, genro do dono do bar, no incidente anterior. Na ocasião, ele tomava a saideira – uma delas – e a esposa de Hernani, que costuma cuidar do andar de cima à noite, havia descido e passava um pano perto do balcão. Doutor Milton perguntou educadamente se ela podia adiar um

pouco a tarefa até que terminasse sua bebida. A resposta veio numa batida de rodo sobre seus pés e com um pedido para ele se retirar.

Cristina é uma mulher na casa dos 50, com alguns centímetros a mais que a vassoura que quase sempre está em suas mãos, voz rouca e cabelos avermelhados nas cores castanho-caju – de acordo com a classificação de uma marca de tintura capilar. Eficiente ao trazer os pedidos, traz sempre um sorriso amarelado no rosto magro. Filha do Seu Soares, dono do Kibelândia, conheceu Hernani durante uma temporada que passou em São Paulo no começo dos anos 90. De volta à Florianópolis, os dois juntaram as escovas de dente e Hernani passou a gerenciar o negócio do sogro em 1994. Depois de ser expulso, Doutor Milton cutucou a mulher “que se dizia dona do bar”.

- Dona? Você pode ser a filha do dono, mas teus pais estão vivos ainda. O dono daqui é o Velho Soares!

E para o desespero de Doutor Milton, Hernani ficou quieto atrás do balcão, só observando a situação. Como agora. A discussão com o garçom, nada mais era do que uma tentativa, frustrada, de chamar a atenção do gerente. Não se conformava com tamanha passividade, mesmo ele tendo 36 anos como cliente da casa.

- Quem cala consente, né?

Sem grandes rancores, ainda tentou uma reconciliação com Cristina numa outra vez que em que foi lá. Comprou dois buquês de um garoto que, às vezes, ronda os bares e botecos do centro vendendo flores e pediu que os entregasse para ela no segundo andar. Depois de alguns minutos, o garoto desceu ainda com as rosas nas mãos. Ela recusara o presente. O vendedor já se preparava para devolver o dinheiro, mas Doutor Milton, sem perder o bom humor, resolveu fazer um agrado à cozinheira – uma coroa de ascendência alemã e sorriso simpático – e outro à garçonete que também atendia no

piso de cima.

Passava da uma da manhã e a chuva aumentara. Doutor Milton atirou a bituca de cigarro na rua, entre os paralelepípedos por onde escorria a água, e entramos no bar para pagar a conta. Meu cartão Visa não foi aceito, nem débito nem crédito – a casa só trabalhava com Mastercard. Sem titubear, meu novo parceiro sacou a carteira e pagou em dinheiro. Então, voltou-se para o amigo que ficara o tempo todo preterido em outra mesa enquanto conversávamos e pediu uma carona até sua casa. Conhecidos de longa data e receoso de mais confusão, o rapaz alegou que a distância era curta – menos de cinco minutos – e que a chuva não estava tão forte. Sem questionar, Doutor Milton caminhou em direção à porta e saiu resmungando.

Despedi-me dos demais e me ofereci para acompanhá-lo até seu apartamento. Sem muito esforço, ele me convenceu a tomar a saideira no boteco de seu xará, o Milton's bar, na João Pinto, duas ruas acima. Caminhando entre uma marquise e outra, desandamos a falar mal do atendimento do bar, do preço da cerveja, do cartão que não foi aceito, do amigo que recusou a carona, das águas que São Pedro insistia em mandar cada vez mais.

- Dinheiro é papel. A amizade vale muito mais!

Sem ligar muito para questões financeiras, vivia emprestando grana aos amigos a torto e a direito. No ano passado, só para um deles fez um empréstimo de R\$ 21 mil no Banco do Estado de Santa Catarina (Besc). Como o amigo, que também costumava frequentar o Kibelândia antes de falir, ainda não tem condições de pagá-lo, todo mês o banco desconta R\$ 681 de sua aposentadoria. O empréstimo feito em 72 vezes poderia atingir quase R\$ 50 mil com os juros, mas Doutor Milton já negocia com o gerente para aumentar o valor das parcelas e quitar a dívida sem tantos acrésci-

mos. Apesar do constrangimento, ainda se esforça para manter igual a relação entre eles e não perde a esperança de receber.

- Eu não posso matar galinha, né? Hoje tá botando ovo comum, mas vai que comece a botar ovo de ouro!

Acostumado a gastar pelo menos mil reais por mês no Kibelândia, nos tempos das vacas gordas, o amigo se viu endividado depois que a firma em que trabalhava quebrou. Católico fervoroso e também adepto duma fezinha no jogo, prometeu a Doutor Milton um milhão, caso ganhe na Mega-Sena. Por ora, só ganhou R\$ 13 mil no bicho e não pagou um centavo sequer.

Eu, por minha vez, apesar de desconfiar que meu cartão tampouco seria aceito no boteco onde estávamos indo, esperava poder lhe retribuir o cavalheirismo e pagar a saideira da noite. Descemos a Saldanha Marinho, rua que corta a Victor Meirelles, cruzamos a Tiradentes e no quarteirão seguinte já estávamos na João Pinto. Caminhamos uns 100 metros e chegamos à frente do bar. Metade secos, metade molhados. Resultado da posição em que andávamos embaixo das marquises. Agora, no trajeto de volta, molharíamos a outra metade. O bar estava fechado.

Meu companheiro, então, sugeriu que fôssemos tomar nossa saideira numa casa noturna perto de seu prédio, na própria Saldanha Marinho, mas na direção oposta. Retornamos pelo mesmo caminho da ida, até a esquina do Kibelândia, e seguimos subindo a rua. Logo à frente, o carro do amigo continuava estacionado no mesmo lugar. Doutor Milton praguejou qualquer coisa e, em câmara lenta, acertou com a parte lateral do pé direito no para-choque traseiro do veículo.

Exceto por um sujeito que urinava num muro, as ruas estavam vazias. Por conta da quantidade de líquido ingerido durante a noite, também tive vontade de fazer o mesmo. Mas algo me dizia que aquilo não era uma

boa idéia. À medida em que avançávamos, o percurso ia ficando mais hostil.

- Uma vez um casal me pediu um dinheiro. Comecei a procurar no bolso da camisa e caí na asneira de abrir a carteira. Levaram duas notas de 50 e uma de 20 – relembra da única ocasião em que foi roubado enquanto voltava para casa.

Veza ou outra, surgiam à nossa frente pessoas pedindo dinheiro, as horas ou puxando conversa à toa. Doutor Milton abaixava a cabeça e não dava a menor atenção. Eu, menos experiente, ainda me dava ao trabalho de dizer que não tinha nada. Sem parar, é claro.

O simples fato de eu responder, mesmo que nunca afirmativamente, já era o bastante para alguns insistirem se o ‘vozinho’ não tinha algo. Como minha negativa soava ainda mais sonora, me olhavam de rabo de olho e estampavam em suas caras um leve desapontamento pelo atraso. Para eles, eu era mais um aproveitador barato que acompanharia aquele pobre velhinho a sua casa e depois lhe arrancaria toda a grana, um michê. Fiquei pensando se o amigo de Doutor Milton não nos recusara a carona porque pensava o mesmo de mim. Mas antes que seguisse em meus devaneios, uma luz néon indicava que havíamos chegado ao nosso destino – a Virgiliu’s Whiskeria.

Passamos pela porta de ferro entreaberta e uma mulata de muitos sorrisos e pouca roupa veio ao nosso encontro. Toda de preto, vestia um top e uma saia de menos de um palmo, que deixava à mostra a calcinha fio dental. Doutor Milton não lhe deu muita bola e perguntou por outras garotas que conhecia pelo nome – sabe-se lá se o verdadeiro ou o de guerra. Mas não havia nenhuma conhecida no local. Além da moça que nos recebeu na entrada, havia apenas uma loira jogada

num canto, sobre um sofá de couro preto, e a caixa que cuidava do bar. O lugar era pequeno e éramos os únicos clientes da casa.

Sentamos no balcão e pedimos uma long neck cada um. A mulata sentou-se ao meu lado – quase no meu colo – e perguntou se poderia pegar um drinque na nossa conta. Para agradá-la, Doutor Milton concordou desde que ela pegasse uma smirnoff ice. As bebidas ice costumam ser as mais baratas depois da cerveja, que as garotas são expressamente proibidas de consumir nesses estabelecimentos.

Sem colocar muita fé no ‘vozinho’, que me apresentou como seu neto, a mulata se insinuava cada vez mais para mim. Ora pousava as mãos sobre minhas pernas, ora entre elas. Queria negociar uma noite de prazer conosco – ou comigo. Expliquei que o programa seria só com ‘vovô’ e que ele tinha algumas restrições em utilizar o quartinho do bordel. Por medidas de segurança, preferia levar as garotas para casa, mesmo que isso lhe custasse um pouco mais.

Como não chegamos a um acordo, tentei em vão convencê-la a nos acompanhar ao apartamento para um último drinque. Apesar da recusa, ela continuava a investida em mim. Pegava-me pelo braço, deslizava meus dedos sobre suas frias coxas e empinava a bunda em minha direção. Sentado na outra ponta do balcão, Doutor Milton só olhava e ria. Para o azar dela, não era eu quem estava bancando a noitada. Terminamos nossas cervejas, pagamos as bebidas e fomos embora.

A chuva ainda estava forte e, a passos largos, em menos de cinco minutos, chegamos ao prédio. Doutor Milton me convidou para subir e esperar a chuva passar. Com o controle remoto do portão, entramos pela garagem para evitar a demora com o molho de chaves. Demoramos mais tempo para achar o elevador do que levamos no caminho da zona até o edifício. Andamos em

círculos, zanzamos entre os carros, perdemos o rumo. Até que o porteiro nos viu pelas câmeras do circuito interno e foi nos socorrer. O elevador esteve o tempo todo ali, bem debaixo de nossos narizes.

Entramos pela porta da área de serviço. O apartamento não era muito grande, mas aconchegante como casa de vó. Retratos da esposa e gaiolas de pássaros dividiam espaço nas paredes de quase todos os cômodos. Uma confortável poltrona de couro, que ele fez questão que eu experimentasse logo na chegada, era seu xodó. Como bom anfitrião, me ofereceu uma dose de cachaça envelhecida no butiá do alambique, que ornamenta a parede da sala.

Doutor Milton tem verdadeiro fascínio por canários. Vez ou outra, costuma passar o final de semana no sítio de um amigo na Palhoça, e se delicia com a quantidade de canarinhos que se aglomeram na frente da casa ao entardecer, mais de cinquenta. Em casa, tem três – um belga que já não canta, um da telha e um do reino com a patinha grudada.

- Ele não canta com o pé – ri.

Cada gaiola fica num canto do apartamento. Uma afixada no azulejo acima da mesa da cozinha, outra na parede da sala na altura da poltrona e uma terceira pendurada no quarto. Com exceção da cozinha, quadros e retratos da esposa disputavam lugar com os pássaros nos outros cômodos. Fotos do casal em viagens e cruzeiros que fizeram pelo mundo afora, revelavam um casamento feliz. Como as garotas que ele levava para casa também começaram a lhe encher de perguntas, Doutor Milton agora sempre esconde as fotografias antes de levar alguma delas ao apartamento. E essa não é a única precaução que ele tem de tomar.

Numa das gavetas da cômoda do quarto, coloca to-

das as coisas de valor – dinheiro, cartões, relógio – que, devidamente trancada, fica a salvo de eventuais bisbilhoteiras. A chave fica muito bem guardada e isso é tudo que posso assegurar. Entre os vãos da cama de casal, pacotes de preservativos quase saltavam às vistas e revelavam que o homem não gosta de perder tempo.

- Ô Matheus, tem que se prevenir. Se você precisar de uma camisa pode pegar aí que eu tenho um montão delas.

Certa vez enquanto tomava banho com uma das garotas de programa, em meio às brincadeiras, no impulso, acabou fazendo sexo sem camisinha. Depois na cama, perguntou se ela tinha alguma doença e a moça garantiu ser sexualmente saudável. Como a conhecia bem e a menina era confiável – na medida do possível – partiu para o segundo round da noite também sem preservativo.

- Na primeira eu já tava fodido, aí fodido e meio – gargalhou me estendendo mais uma dose da cachaça.

Sáímos para a sacada e ficamos conversando por horas, debruçados sobre uma mureta que também faz as vezes de jardim. Ali, algumas hortaliças que ele costuma usar na salada estão lado a lado com extensas famílias de cactos. Ao se apoiar, era preciso cuidado para não espetar o corpo. Mas nada que mais algumas doses da cachaça de butiá não fizessem parecer um veludo no final da noite.

A fome apertou e fomos até a cozinha beliscar algo. Para minha surpresa, dentro da sanduicheira havia metade de um misto frio e uma cara de que estava ali há muito tempo. Como, educadamente, recusei o pedaço de pão, Doutor Milton fatiou uma linguiça calabresa para nós. De barriga cheia, fomos ao quarto para ele me mostrar a origem de tanta disposição.

Quase tão grande quanto a cama de casal, um complexo aparelho para simular remadas é sua fonte de

energia. Todo dia, durante 15 minutos no período da manhã, Doutor Milton faz exercícios em seu brinquedinho. Na juventude, participou de diversas competições de remo até os 25 anos, quando se casou. A mulher tinha medo que ele se afogasse. Ou, talvez, as preocupações dela fossem outras.

Naquela época, Doutor Milton já era chegado num bom trago. De vez em quando, parava perto dum boteco na beira da praia e enquanto um menino segurava os remos para ele – para a canoa não virar – ia buscar uma garrafa de cachaça. Em outra ocasião, tentou desembarcar num ponto que pertencia à base aérea, onde a esposa do comandante tomava banho de sol de maiô. Foi enxotado do lugar pelos soldados. Tempos depois – muito amigo de seu pai – o militar foi a um jantar em sua casa e disse reconhecê-lo de algum lugar. Sem papas na língua, o jovem Milton tratou de refrescar a memória do oficial rasgando elogios a sua senhora.

Agora, o velho Milton me fazia uma breve demonstração. Sentou-se no aparelho e, com os dentes sempre cerrados, dava puxadas que pareciam rasgar os músculos do braço. Seu rosto logo ficou vermelho e, então, parou um instante. O álcool no sangue atrapalhava a respiração. Mais algumas braçadas e a tosse o impediu de continuar. Resolvi tentar também.

Aos tropeções, levei alguns segundos para me ajeitar no instrumento. Na primeira braçada, não sei se por fraqueza ou por efeito do álcool, soltei o aparelho com tudo e caí para trás. Na queda, sujei o moletom com graxa. Doutor Milton disse para não me preocupar, que ele tinha uma receita boa para tirar esse tipo de mancha: manteiga. Na falta de manteiga, enfiou a faca no pote de margarina e passou nas duas marcas transversais na parte de trás da blusa. Esfregou um pouco embaixo d'água no tanque e deixou secar na sacada, enquanto continuávamos bebendo e conversando.

Cheguei a considerar a ideia de passar a noite naquela confortável poltrona da sala, atendendo a um convite do meu anfitrião. Estiquei-me ali e quase peguei no sono. Aos poucos, a chuva começou a diminuir e como o moletom já estava quase seco, resolvi que era hora de ir para casa. Só faltava um pequeno detalhe; achar a chave.

Procuramos pelo apartamento todo, sala, quarto, cozinha, sacada e até no banheiro. A porta da área de serviço, pela qual entramos, estava destrancada. Mas deixá-lo ali sozinho, sem as chaves, não seria nada educado depois de tamanha hospitalidade.

Estávamos quase desistindo de procurar, quando tive a ideia de pedir para ele verificar os bolsos. Estavam vazios. Mas um fraco tilintar trouxe-nos de volta as esperanças. Em alguma parte de seu corpo, as chaves haveriam de estar. Depois de muito se sacudir, Doutor Milton achou o chaveiro pendurado na calça – na parte onde se prende o cinto – por debaixo da camisa. Celebramos a conquista com uma última dose de cachaça.

Olhei mais uma vez pela sacada e tive certo receio em voltar pelo mesmo caminho em que fomos abordados por vários andarilhos. Doutor Milton sacou um reluzente canivete suíço e me ofereceu. Confessou sempre andar com ele para se proteger durante a noite e que, apesar de nunca ter precisado usá-lo, sente-se mais seguro assim. Achei melhor não aceitar o empréstimo. Não adiantaria muita coisa, no estado de embriaguez em que me encontrava.

Na saída, percebi que aquele pão frio, que outrora jazia na sanduicheira, não estava mais ali. Não sei quem comeu, se eu ou ele. Só lembro que não tive mais fome. Despedi-me do amigo com um abraço e combinamos de nos encontrar outra vez para mais uma noite de bebedeira.

Capítulo II



Três semanas depois, após algumas tentativas frustradas, marcamos de tomar aquela saideira no Milton's bar. Encontramo-nos na padaria do amigo que lhe acompanhava em nosso primeiro encontro, a Panificadora Padre Roma, na avenida Hercílio Luz. Todo de branco, Doutor Milton tomava uma taça de vinho e folheava o jornal. Enquanto terminava a bebida, me ofereceu uma tigela de sopa – especialidade da casa – antes de irmos para o bar. Por seis reais, toma-se à vontade todos os seis tipos de caldos. Como minha fome não era das maiores, apenas experimentei uma cumbuca da sopa verde com legumes.

Doutor Milton conferia os números da Mega Sena, que havia saído para algum cara de sorte em Santa Catarina. Talvez passasse por sua cabeça a hipótese do felizardo ser o amigo que lhe deve os R\$ 50 mil e que, por sinal, havia almoçado com ele naquela terça-feira. O dia seguinte seria o último para a retirada do dinheiro. Certamente, o sacana estava esperando para evitar chamar atenção e se mandar com a grana toda. Acabei a sopa, que Doutor Milton fez questão de pagar, e seguimos para o bar de seu xará em outra trip.

- Dinheiro é só papel – parafrasei-o em tom de brincadeira.

- Todo mundo é igual: branco, preto, amarelo. Quando morrer vai tudo para baixo de sete palmos de terra. Mas o pobre dura mais, porque os bichinhos preferem comer antes os ricos, que são carne de primeira – riu.

O bar para onde estávamos indo não fazia essa distinção. Brancos, negros, japoneses, bem vestidos ou maltrapilhos bebiam e conversavam uns com os outros. Sentados em mesas de plástico entre os paralelepípedos da João Pinto ou nas cadeiras de madeira com assento e encosto de palha entre os azulejos brancos do espaço interior. Optamos mais uma vez pelo balcão e logo fui apresentado ao dono do lugar.

Tratava-se de um sujeito simpático, pai de família e bom de papo. Com poucos cabelos na cabeça – sabe-se lá se por ter criado quatro filhas mulheres ou se por tocar o negócio há 24 anos –, enquanto trabalha, toma um copo de cerveja para relaxar. Sempre atencioso, parava para pensar até quando o xará pedia sua opinião sobre coisas que ele, nos seus quarenta e poucos anos, não saberia responder.

Dessa vez, ao invés das propagandas de zona da Felipe Schmidt, Doutor Milton deixou sobre o balcão de granito de três metros alguns cartões do consultório em que voltou a atender às segundas e terças – depois de dez anos – num prédio na mesma rua. Para ele, a vizinhança não poderia ser melhor. No mesmo andar, do outro lado do corredor, funciona um prostíbulo.

- Por mim, atendo todas de graça. Elas podem ir a hora que quiserem – fazendo com que todos caíssem na gargalhada.

Acomodamo-nos nos bancos de alumínio com assentos estofados e pedimos uma cerveja. Sem saber de sua preferência pelo colarinho, inclinei ligeiramente os copos e servi. Doutor Milton, então, me mostrou seu truque. Meticulosamente, destacou uma folha de guardanapo, enrolou-a com a ponta dos dedos como quem

prepara um baseado e, com um sorriso travesso, mergulhou-a no copo. Segurando por uma das extremidades, iniciou um frenético movimento de sobe e desce, que fez a bebida espumar.

- Na falta do colarinho, sempre dou meu jeito com essa punhetinha – explicou soltando uma longa gargalhada.

Para desalento dos donos de bar, cada folha só serve para uma punhetinha. E assim que a espuma abaixa, mais um guardanapo é arrancado e submetido ao mesmo tratamento. Sem maiores cuidados, o papel substituído é deixado aos pingos em cima do balcão. Não importa se está num boteco onde é freguês antigo ou em algum bar em que vai pela primeira vez, como no Golden Café e Cia no Beiramar Shopping.

- Quando voltei lá de novo o garçom veio falar comigo e pensei que iria levar um esporro. Mas que nada, veio me dizer que tinham montado o clube da punhetinha em minha homenagem.

Hoje, sempre que alguém pede pelo colarinho, faço questão de não colocá-lo para aplicar a técnica de meu companheiro. E esse não foi o único truque que aprendi com ele naquela noite. Além da taça de vinho, Doutor Milton já havia bebido duas latinhas na padaria do amigo. Para forrar o estômago, também havia tomado duas tigelas de sopa. Mas o segredo para sua resistência para bebida era outro: um cálice de azeite. Toda vez que vai sair para beber, entorna um cálice de azeite puro.

- Pela diferença de densidade, o azeite separa o álcool dos outros líquidos e retarda a embriaguez.

Em certa ocasião, presenciou três rapazes se gabando de terem tomado 12 chopes – quatro chopes cada – e os desafiou que beberia mais que aquilo sem trançar as pernas. Naquele dia, tinha comido uma salada tempe-

rada com bastante azeite antes de sair de casa. Tomou 13 chopes e saiu caminhando normalmente, não mais sóbrio, mas longe de estar bêbado, deixando uma conta de R\$ 52 para a gurizada pagar.

Na falta de azeite para prevenir o porre, me indicou um comprimido eficiente na cura de ressaca. Tirou mais uma folha de guardanapo, dobrou-a por duas vezes, testou a caneta – que pegara emprestada com o xará – na parte de trás do papel e, com letra de receita, escreveu: “Bro|me|prida 10 mg”, separando as sílabas entre traços na vertical. No final de semana anterior, Doutor Milton teve de recorrer ao artifício.

Durante uma bebedeira de sábado no Kibelândia – em que pedi desculpas e fez as pazes com o garçom – ele e mais dois amigos resolveram ir para o sítio de um deles em Praia de Fora, nos confins da Palhoça. Sem perder tempo sequer para pegarem mudas de roupa, tocaram direto no carro do anfitrião. Na bagagem, apenas uma garrafa de Campari e outra de 51. Em menos de 24 horas, as duas estavam pela metade. Não deu outra: ressaca das bravas. O duro foi achar algo aberto no centro num domingo. Inclusive, os bares – tanto o Kibelândia quanto o Milton’s bar – fecham as portas no sábado, no período da tarde, para só reabrirem segunda pela manhã. Segundo os proprietários, a polícia não oferece as condições de segurança necessárias para que eles abram aos domingos. Talvez, assim como Deus descansou no sétimo dia, ela faça o mesmo.

Num domingo desses, quando eu saía dum prédio, na Tiradentes, empurrando um carrinho de supermercado com peixes frescos do box 28/29 – único estabelecimento do Mercado Público que abre aos domingos – fui surpreendido por uma tentativa de homicídio. Um rapaz desesperado entrou pela porta assim que a abri para sair. Dois caras

mal-encarados corriam atrás dele com pedras do tamanho de bolas de boliche nas mãos. O porteiro deu asilo ao perseguido – que também não era flor que se cheirasse – e chamou a polícia. Os dois rapazes ficaram me intimidando enquanto eu ia em direção ao carro, mas seguiram em frente.

Em dias de semana, não é raro viaturas cruzarem o calçadão da João Pinto ou policiais em serviço fazerem uma parada no Milton's bar para um refrigerante e um salgado. Tudo por conta da casa. Para os não fardados, o salgado custa R\$ 1,90. Depois de algumas cervejas, Doutor Milton pediu um risóles.

- Isso que tá aí é de quantos anteontem? – brincou.

Os salgados são feitos diariamente e, no caso de alguma sobra, Milton sempre acaba doando para alguém. Naquela noite, seu xará lhe poupou esse trabalho e comeu o único que ainda restava. Sacou o chaveiro com uma tesourinha desmontável e cortou o sachê de ketchup. Da primeira à última mordida, utilizou tantas folhas de guardanapo que perdi a conta quando passou da décima.

Já era quase meia noite e as portas estavam parcialmente abaixadas, quando Doutor Milton terminou de comer e foi ao banheiro. Pensei em ir ao lixo contar quantos papéis ele usara exatamente. Mas não estava bêbado o bastante para isso. Além de não querer me passar por maluco na frente do dono do bar, que recusava um desconto ao último cliente daquela terça-feira – um sujeito esfarrapado que encostou próximo a nós e pedia por vodka.

- Com essa grana, o máximo que eu posso te oferecer é uma dose de cachaça – repetiu, cordialmente, por duas vezes.

Esperei o rapaz sair e pedi pela saideira, uma dose

de Campari. Paguei nossa conta e esperei meu companheiro para dividir o drinque. Quando retornou, Doutor Milton perguntou se o sujeito havia me pedido algum dinheiro. Respondi que não. A circunstância o fez lembrar da vez em que quase quebrou o nariz de um flanelinha inconveniente no Kibelândia durante o carnaval de 2007.

Na ocasião, ele conversava com uma senhora, que tinha estacionado próximo ao bar. O flanelinha se aproximou e interrompeu a conversa para cobrar a vigília. Doutor Milton disse que ela pagaria assim que saísse e lhe advertiu para não atrapalhar novamente. Menos de meia hora depois o rapaz voltou a insistir, dessa vez mal-educadamente. Para defender a honra da dama, deu um soco no rosto do flanelinha e quase quebrou o nariz do sujeito.

Sem novas confusões, terminamos nossa bebida e fomos embora. Assim como na primeira noite, acompanhei Doutor Milton até seu apartamento. Dessa vez, só fomos abordados por um homem pedindo as horas, enquanto conversávamos em frente ao prédio. Era meia noite em ponto e o Campari teve realmente de fazer as vezes de saideira. A cachaça envelhecida no butiá havia acabado e, por azar, o copinho de dose que usamos no primeiro encontro se quebrara. Fui embora lhe prometendo um copo novo de presente.

Em nossa última incursão, alguns dias depois, enchemos a cara na padaria de seu amigo e esticamos apenas para um café no Bob's, na Trajano. Como de costume, levei-o até sua casa. Do outro lado da rua, um casal se atracava dentro de um carro estacionado na esquina. A menina, por cima, debruçava-se sobre o garoto ao volante. Apesar da noite fria, os vidros do veículo embaçavam aos poucos. Despedi-me do Doutor Milton e atravessei a rua em diagonal, pas-

sando bem ao lado do automóvel, com as janelas já completamente embaçadas. Só consegui ver dois vultos tentando se abaixar.

- Agora é ver um filminho pornô e bater uma punheta para dormir – e sua risada ecoou pela rua quase deserta. E dessa vez não se tratava da sua apurada técnica de espumar a bebida.

Capítulo III



- Eu amo a vida!

Lá estava eu mais uma vez junto ao balcão do Miltons' bar, numa noite de quinta-feira, quando uma mulher sentada dois bancos à minha direita, desligou o celular. Com cabelos castanhos pouco abaixo dos ombros, vestia uma blusinha branca e uma saia de mesma cor de um palmo e meio de comprimento. Para completar o figurino, um colar artesanal com bolinhas de madeira adornava o colo – e o acanhado decote – da dona daquela frase. Estendi o copo de cerveja no ar, em sua direção, concordando com a afirmativa. Simpática, ela retribuiu com um largo sorriso.

Divorciada e mãe de três filhos, Dulcemar Goulart – ou Dulce – não fazia ideia de que viria a morar na General Bittencourt, perto do bar que frequenta desde 2000. Aos 43 anos e natural de Imbituba, no litoral catarinense, tinha 14 quando veio à Florianópolis pela primeira vez. Casou-se aos 17, com um eletrotécnico e logo engravidou do primeiro filho, hoje com 25. Depois da separação, o pai de seus filhos morreu num acidente de moto. Sem muito espaço no apartamento em que mora com o mais velho e o caçula, de 17, o bar transformou-se em seu segundo lar.

Milton, que empresta nome ao lugar, estava de folga,

sentado a uma mesa próxima a nós na companhia de uma garota. Dulce contou sobre a relação paternal que tem com o dono do bar, apesar da diferença de um ano que separa os dois. Certa vez, ficou maravilhada quando presenciou um abraço entre ele e uma de suas quatro filhas. Toda aquela demonstração de afeto a fez lembrar do pai, que perdera há dois anos, e a fez pedir para abraçá-lo também.

- As pessoas que estavam ali na hora não entenderam nada. Mas eu não estava nem aí, só queria fazer parte daquilo – disse com os olhos cheios de água.

Mas como todo pai, vez ou outra, Milton tem de lhe aplicar um sermão quando passa da conta no álcool. Graças a ele, Dulce diz ter melhorado bastante. Recorda da primeira vez em que esteve no bar. Antes de fechar, ajudou-o a trazer as cadeiras de plástico lá de fora para o salão. No dia seguinte, Milton a agradeceu novamente e, só então, ela lembrou da ajuda que lhe prestara na noite anterior.

Mais uma função extra desempenhada pelo dono do bar é o papel de psicanalista. Não raro, alguns fregueses – entre eles, Dulce – põem-se a falar da vida e a se lamentar no balcão. Com poucas palavras, Milton escuta atentamente, sem perder o tino para servir a bebida, deixa-os falarem à vontade. Quando, às vezes, distrai-se e é surpreendido com alguma pergunta, apenas concorda. Afinal, o cliente tem sempre razão.

- Esse balcão aqui é meu divã e tem remédio melhor que a cerveja? – disse minha nova companhia com um sorriso no rosto. Milton apenas concordou.

Depois de virar o que restava no copo num gole só, Dulce pediu licença para ir ao banheiro. Na volta, sentou-se um banco mais à esquerda e deixou o guarda-chuva que carregava pendurado no assento que ficara entre nós. Trouxe para perto sua garrafa e, com o copo novamente cheio, brindamos à vida.

A vida que, para ela, está em muitos lugares – inclusive no pão nosso de cada dia. Formada em Pedagogia e depois de dar aulas por 4 anos em séries iniciais de escolas públicas e privadas, Dulce ingressou junto com o caçula num curso de panificação esse semestre. O que era para ser apenas uma competição saudável entre mãe e filho, durante o vestibular do Cefet – Centro Federal de Educação Tecnológica –, acabou se concretizando na descoberta de uma nova paixão.

Não apenas pelos fungos e leveduras do processo de panificação, Dulce acredita que o pão é um ser vivo que necessita de amor e carinho para crescer. Desde a fabricação da massa, até a hora que sai do forno é preciso muita atenção. O processo exige a mesma disposição e competência de uma boa mãe.

- A diferença é que o pão fica ali paradinho, enquanto os filhos estão sempre pra lá e pra cá.

Amor materno que também estendia-se aos alunos durante os tempos em que lecionava. O trabalho de Dulce ia muito além da alfabetização. Uma vez, duas irmãs apareceram na sala de aula com as cabeças infestadas de piolhos. Sem titubear, Dulce pegou as meninas pelas mãos e as acompanhou até o banheiro. Esfregou o cabelo de ambas com xampu e ensinou a elas como fazer isso em casa. Dali para frente, as duas nunca mais tiveram esse tipo de incômodo e passaram a ser as mais vaidosas da turma. Há alguns meses, reencontrou uma delas na rua. Moça feita, a garota reconheceu a ex-professora e veio agradecê-la pelo gesto do passado.

Mas tamanha entrega provocou um princípio de depressão. Cuidava de cada criança como se fosse sua e sempre levava os problemas do serviço para casa. Um desejo de ter uma melhor qualidade de vida, somado a sua oposição ao método de ensino vigente e às cartilhas de alfabetização do governo, colocaram um fim precoce a sua carreira.

Estudiosa da Filosofia, Dulce acha que a disciplina deveria estar inclusa no currículo desde as séries iniciais para desenvolver o pensamento crítico nas crianças. Segundo ela, o bebê que sai do berçário já possui alta capacidade de compreensão e deve ser submetido às vicissitudes da vida adulta. O primeiro passo é se adequar ao horário da mãe ao invés de dormir o dia todo, o que evita que ele fique chorando depois durante a noite. Para ela, o estímulo da leitura e, principalmente, o estudo da Filosofia são essenciais para uma boa formação.

- O pão é o alimento para o corpo – respira pausadamente – A Filosofia é o alimento da alma.

Disse a ela que a cerveja era meu pão líquido e pedi mais uma garrafa. Dessa vez, dividi com minha companheira a bebida sagrada. Brindamos mais uma vez e a alertei sobre o provérbio de bêbado: “Brindar e não beber sete anos sem foder”. Dulce disse não dar a mínima para superstições. Cruzar o caminho de um gato preto, quebrar espelho ou passar embaixo de escada para ela só funciona se a pessoa crer naquilo. Como ela não acredita nessas coisas, se considera imune. Mesmo assim, brindou e deu um breve gole.

De pernas cruzadas, a cada copo esvaziado se descuidava cada vez mais com a saia. Vislumbrei a pequena calcinha preta. Mais de uma vez. Não sei se por perceber minhas olhadas, Dulce colocou o guarda-chuva dobrado sobre o colo. Fiquei com receio de ela dizer algo a respeito ou, simplesmente, parar de falar comigo. Mas continuamos a conversa sem qualquer constrangimento. A não ser quando ela me revelou que o filho mais velho viera ainda a pouco ao bar.

Minutos antes, um rapaz de camisa salmão e cavanhaque entrou e pediu algumas cervejas. Colocou tudo em uma sacola e, sem olhar em nossa direção, saiu do

bar. Eu quase não o notara, apenas ouvi alguém pedir para colocar as cervejas na conta da mãe. Perguntei se havia algum problema e disse que não queria criar confusão. Ela sorriu e falei que estava tudo bem, que os filhos não interferem em sua vida pessoal.

Dulce me confessou sair às vezes com o melhor amigo do filho do meio, um surfista de cabelos loiros e bem mais jovem, que mora em Imbituba. Quando volta a sua terra natal, eles se encontram às escondidas. O garoto era o responsável pelo fato de a pessoa com quem ela falava ter desligado o telefone, no incidente em que a presenciei ao celular.

Do outro lado da linha estava seu namorado, Jander. Mais velho e também morador de Imbituba, ele ligava a fim de convidá-la para passarem o fim de semana juntos. Ao atender, Dulce confundiu a voz do amante com a do surfista. Foi o suficiente para perturbar o rapaz que morre de ciúmes do garoto. Descolada, ela ainda procurou argumentar. Disse que tinha tentado falar com o filho durante a tarde – por conta da tempestade prevista para as regiões litorâneas – e que, como ele não a atendera, pensou ser o amigo trazendo algum recado. Jander não engoliu.

Apesar da discrição de Dulce, o garoto vive dando brechas por aí. Na última vez em que visitou sua terra, acompanhada do namorado, desceu na rodoviária a alguns quilômetros de sua casa. Sem se intimidar com a presença de Jander, montado numa moto, o surfista disse que viera lhe buscar a mando de seu filho. Para não ficar em maus lençóis com o parceiro, Dulce se viu obrigada a recusar a carona. Mas assim, pelo telefone, era difícil convencê-lo de algo e fazer as pazes.

O relógio afixado no azulejo marcava quase meia noite. Milton, mesmo de folga, recolheu as cadeiras lá de fora com a ajuda do outro atendente. Deu uma ligeira vassourada no salão e semi-cerrou a porta de ferro.

Além de nós, um grupo de seis jovens ainda bebia na outra mesa. Meu copo já estava vazio, Dulce terminava o dela.

- Eu gosto daqui porque fecha à meia-noite e aí não dá tempo de virar abóbora – brincou.

Tentei comprar uma última cerveja, mas meu pedido foi gentilmente negado. Milton estava acertando a conta com a outra turma e eu não quis insistir para não atrapalhá-lo. Minha companheira bebeu o último gole e pedimos a saideira para viagem. Com as mãos devidamente lavadas, Milton colocou os oito salgados que sobraram num saco plástico verde.

- Hoje vai ter promoção de salgado? – perguntou Dulce. O dono do bar apenas assentiu com a cabeça. – E pra mocinha? – continuou com uma risada.

Milton deu as sacolas com os salgados para ela e saímos com nossa cerveja dividida em dois copos descartáveis. Do lado de fora, meninos de rua, bêbados e andarilhos se aglomeravam. Enquanto um sujeito que nos abordara declamava uma poesia cheia de frases impacantes e rimas sem sentido, uma garota de olhos claros e cabelos loiros se aproximou. Ela morava no mesmo prédio que minha companheira e pedia por algum dinheiro.

Dulce alegou ter gasto tudo no bar, mas disse para ela falar com Milton que, certamente, ele a emprestaria. Como a moça se sentiu acanhada em ir fazer o pedido, Dulce entrou e, em menos de um minuto, trouxe 15 reais. A menina agradeceu e foi embora. O poeta também já havia desistido que prestássemos atenção e seguia mais à frente. Enfim sós, revelei a ela minhas reais intenções.

Falei ser graduando em Jornalismo e que meu trabalho de conclusão de curso se tratava de um livro-reportagem sobre a boemia do centro da cidade. Perguntei se ela conhecia o Doutor Milton e até contei

algumas de nossas histórias. Disse que gostaria muito que ela aceitasse o convite para ser a outra integrante.

Caminhávamos em sentido à Praça XV. Dobramos a esquina que sai na Tiradentes e, antes de chegar nessa rua, paramos no calçadão onde acontece a tradicional feijoada do Noel. Todos os botecos dali estavam fechados. Apenas uma pizzaria não estava com as janelas completamente fechadas. Pedimos uma garrafa de cerveja, mas a garota lá de dentro disse que eles não tinham mais cascos. Dulce me disse para perguntar na janela ao lado e chamar por um tal Gaúcho.

Com cadeiras empilhadas tampando quase toda a visão do interior, gritei o apelido do rapaz. Uma mulher com feições duras e voz grave me perguntou o que eu queria. Falei que queria uma cerveja. Na falta de cascos, pedi por uma latinha. Duas, corrigiu-me Dulce. A moça com cara de homem quis saber com quem eu estava. O Gaúcho também veio à janela ver o que estava acontecendo. Disse a eles que estava com a Dulce, que deu alguns passos à direita para entrar no campo de visão deles. Ao ver minha companhia, o clima amistoso retornou. Pegamos as duas latinhas e sentamos na esquina, no lado oposto ao Canto do Noel.

Continuei tentando convencê-la a fazer parte de meu trabalho. Desconfiada, me perguntou se eu tinha algum material para apresentar para ela. Eu já tinha o capítulo sobre o Doutor Milton pronto e disse que poderia lhe mostrar, se fosse o caso. Ela, então, sugeriu que fôssemos a uma lan-house aberta durante a madrugada para ver do que realmente se tratava. Vi que aquela seria a única maneira de persuadi-la e topei.

Antes, porém, fomos até o apartamento levar os salgados para os filhos dela. Cruzamos a Tiradentes e, enquanto andávamos pela avenida Hercílio Luz, um

garotão perdido nos parou para perguntar onde ficava o Centrosul – local onde geralmente acontece os maiores eventos da cidade. Naquele dia, era o Folianópolis. Respondemos que era só seguir os abadá rosa que ele não teria dificuldades em achar o lugar. Completamente embriagado, perguntou se a gente iria fazer sexo. Dulce ralhou com ele e disse que aquilo era uma entrevista. O rapaz tornou a dizer besteiras e pensei em dar-lhe um soco em nome da honra de minha companheira. Como não estava a fim de apanhar – ele tinha o dobro do meu tamanho – e também não sabia se valeria a pena defender a honra de Dulce, deixei por isso mesmo.

Em menos de cinco minutos chegamos ao prédio. Na entrada, ela ofereceu um dos salgados para o porteiro. Dizendo-se satisfeito, ele pediu um para dar ao menino que vigiava carros ali naquela rua. Enrolada num guardanapo, Dulce deu-lhe uma coxinha. O garoto, do outro lado da calçada, acenou em agradecimento.

A porta do apartamento estava destrancada: Dulce dispensa as chaves. Contou que nunca costuma usá-las, até mesmo quando não há alguém em casa. Não era o caso. Os dois filhos estavam já na cama. Perguntei se minha presença não causaria problemas. Ela só me advertiu para não fazer barulho.

Com a geladeira aberta, retirou os salgados da sacola e os colocou no compartimento abaixo do freezer. Na bancada ao lado da pia, três pequenas baratas se alvoroçaram com o cheiro de comida. Com uma forte mãozada, Dulce matou uma delas. Lavou as mãos na pia e me pediu que esperasse enquanto ia ao banheiro. Sentei-me numa banquetta, não sem antes olhar bem para ver se não havia nenhuma barata por ali.

Antes de sair de casa, avisou ao mais velho que iria a uma lan-house para ele não se preocupar. Saímos e, sem trancar a porta, entramos no elevador. Dulce confessou

se sentir prisioneira em ambientes fechados e desandou a falar mal do estilo de vida que levamos hoje. Sem muitas coisas de valor em casa, não tem medo algum de ser assaltada.

- Se um bandido entrar no meu apartamento, ele não vai ter muito o que roubar. O máximo que eu posso dizer é: 'Olha, você quer um abraço?' Um abraço eu posso te oferecer. – ri enquanto saímos do edifício.

Compramos mais duas latinhas de cerveja numa loja de conveniências num posto de gasolina e seguimos para a lan-house, na Hercílio Luz. Antes de entrar, perguntamos ao caixa se era permitido o consumo de bebidas alcoólicas dentro do estabelecimento. O garoto respondeu afirmativamente e nos indicou um computador junto à porta de vidro. Acomodamo-nos nas cadeiras e acessei meu e-mail. Abri o arquivo e Dulce começou a ler.

Tentei acompanhá-la na leitura e aproveitar para revisar o texto, mas ela lia rápido demais. Pelas risadas, eu conseguia identificar o trecho que acabara de ser lido. A cada parágrafo, eu ganhava sua confiança. Dulce elogiou meu trabalho e disse que tinha que conferir se eu realmente falava a verdade. Assim como o santo que sentiu necessário tocar o corpo de Jesus para comprovar sua ressurreição, precisava ver para crer.

Enquanto ela dava uma olhada no Orkut, depois de ler mais da metade do que eu tinha escrito, fui ao banheiro unissex nos fundos. Quando voltei, Dulce fez questão de me mostrar a página pessoal do melhor amigo de seu filho. Em seguida, foi sua vez de ir ao toalete.

Perguntei ao atendente, que estava sentado num computador com fone de ouvido, se ali vendia-se cerveja. Ele respondeu que não. Olhei em direção ao freezer e vi pelo menos uma dúzia delas em lata. Insisti que ele estava enganado. O garoto tirou o fone, ajustou os óculos no rosto e se desculpou. Estava mais concentrado

naquele maldito jogo virtual e tive que erguer o tom de voz para trazê-lo de volta à realidade. Comprei duas latinhas e servi os copos de plástico que trazíamos desde o Milton's bar.

Quando retornou, Dulce se surpreendeu e aprovou a aquisição. Pagamos a conta e levamos mais duas cervejas para viagem. Na saída, com um salto de plataforma de uns cinco centímetros, minha parceira tropeçou na rampa de borracha e teve que se apoiar na porta para não cair. Segurei-a pelas mãos e a ajudei a sair.

Convicta de minha história, caminhamos conversando euforicamente pela avenida e paramos junto a uma mesa de cimento com um tabuleiro de xadrez. Dulce pediu emprestado meu bloco de anotações. Em uma folha em branco, sem interrupção, escreveu frente e verso sob o título Vida Boêmia: “Foi no balcão divã do Milton's Bar que nos conhecemos. No momento em que ao desligar meu telefone falei: ‘eu amo a vida’, iniciamos nossa conversa. Gostei de ti. Sou esotérica, ingênua e talvez esteja enganada, mas acredito em energia do bem e do mal. O que seria da luz sem a escuridão? Falamos tanto que o tempo já não mais existia. Foi tudo e ao mesmo sem ser nada. O melhor da vida é o inusitado. Quando acontecem encontros de almas é que se sente a força de coisas que são maiores que nossas vãs filosofias. Porque é assim que é, e sei lá, entende...” Assim que mudou para outra folha, deu tempo de escrever apenas “Tu te belisca: será que eu tô sonhando?” antes de sermos interrompidos por um travesti e seu colega, que não consegui identificar se era homem ou mulher. Dulce conhecia os dois.

Conversamos por alguns minutos e depois eles seguiram em frente. Também resolvemos voltar para seu apartamento. No caminho, ela me contou de onde

vem seu gosto pela boemia. Filha temporã, nos anos 70, quando tinha apenas quatro anos, o irmão a colocava numa cestinha na dianteira da bicicleta e a levava para conhecer o mundo. Adepto do movimento hippie, foi ele quem a apresentou à noite, ao álcool e à maconha.

Dulce parou por um instante. Seus olhos encheram-se d'água como na ocasião em que falara do pai. O irmão morrera com um tiro há 10 anos. Com os dedos, ela fez o gesto de um revólver contra a cabeça. Não tive coragem de perguntar os detalhes da tragédia. Sem conseguir se despedir, recorda que a última vez em que viu o irmão ele tinha acabado de se acidentar de moto.

- Eu disse para ele: se você era um gato, já se livrou da morte por seis vezes. Não vá desperdiçar sua última chance porque agora é para sempre. – disse com a voz se esvaindo a cada sílaba e os olhos marejados de lágrimas.

Através de uma série de sonhos que teve, acredita ter se despedido do irmão. No primeiro, ele estava todo machucado e não falou palavra alguma. Na segunda vez, estava mais disposto e conversava com ela num jardim. Na seguinte, estava ainda melhor e a levava para um passeio de moto. Em sua última aparição, não disse nada, apenas lhe deu um forte abraço. Ali, Dulce sabia que era o adeus derradeiro.

De volta ao apartamento, fomos direto para seu quarto sem fazer barulho. O caçula dormia num cômodo, onde deveria ser a sala, separado por uma divisória dessas de escritório logo na entrada. O quarto do mais velho era nos fundos em frente ao de minha anfitriã. Sonâmbulo, durante a noite tirara as cervejas do freezer para não congelarem. Dulce apanhou uma na geladeira e trouxe para nós.

Na falta de uma cama, sentamos no colchão de casal

no chão. Além da televisão de 14 polegadas, uma estante repleta de livros e com duas santas restauradas do lixo – Santa Luzia e Nossa Senhora da Conceição – trazia quatro pinturas de seu namorado, que é artista plástico. Duas réplicas livres dos girassóis de Van Gogh e dois retratos impressionistas do sul da Ilha. Um quinto quadro, também girassóis do artista que cortara fora a própria orelha, era o único pendurado à parede.

Com saudades, Dulce contou que depois de uma prova, no dia seguinte, iria para Imbituba rever o parceiro. Na segunda, ele voltaria com ela para Florianópolis e aqueles brancos lençóis em que eu me encontrava no momento se transformariam no palco de uma maratona sexual. Jander vem somente com a roupa do corpo, que lhe serve apenas durante a viagem. Uma vez, os dois ficaram três semanas pelados dentro do quarto. Com o domínio de algumas técnicas do sexo tântrico, consegue ter orgasmos sem ejacular e manter o pênis ereto por horas consecutivas. Confesso que tive uma pontinha de inveja do cara. Procurei em vão, entre os livros na estante, algo parecido com o Kama Sutra.

Abrimos a segunda garrafa e nos pusemos a ler trechos de livros. Contos de Nelson Rodrigues, poesia de Cora Coralina – pseudônimo da escritora e também doceira Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas, com quem Dulce tinha forte identificação – e partes relacionadas aos nossos signos num volume sobre misticismo. Canceriana e a besta do horóscopo chinês, aquela mulher esotérica, ingênua e que acredita que há mais coisas entre o céu e a terra do que nossa vã filosofia, tem como livros de cabeceira o gibizinho do Chico Bento da Turma da Mônica e um exemplar do fantástico universo de Calvin e Haroldo.

Já era quase dia quando pegamos a terceira, e derradeira cerveja. Como diria Millôr, se Deus ajuda a quem cedo madruga, que pelo menos seja no bar. Uma vez

que todos os botecos do centro de Florianópolis fecham à meia noite, que pelo menos seja na cama – ou simplesmente no colchão – de uma bela mulher. A boemia não para.

Agradecimentos



Aos meus pais, Edson Carlos Joffre e Selma de Souza Joffre, e familiares, à minha namorada, Juliana Shimizu, ao meu orientador, Mauro Silveira, aos meus amigos, especialmente à turma do semestre 2006.1 do curso de Jornalismo da UFSC e à panela do futebol do bar Volantes, aos eternamente boêmios, Milton Cunha e Dulcemar Goulart, e a todos os bêbados que trombei pelos bares dessa vida.



Este livro foi composto na tipografia Bell MT,
em corpo 10/24, e impresso em papel sulfite
70 g/m², pela gráfica expressa Duplic Digital.

Apoio:
Pró Reitoria de Assuntos Estudantis



UFSC
PRAE

